

# AMAZÔNIA EM DOIS TEMPOS

Arquivo Fundação Oswaldo Cruz

## OS HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Na expedição científica à Amazônia de 1913, Carlos Chagas teve contato com as lendas e mistérios da região e voltou com mais dúvidas do que conclusões sobre o assunto. Refazendo este ano o percurso de Chagas, a equipe de pesquisadores também só pôde se encantar com histórias como as de monstros que puxam canoeiros para o fundo do rio, feiticeiros desalmados ou donzelas que desaparecem, atraídas por botos disfarçados de soldados. No terceiro capítulo desta série, a expedição visita a aldeia de São José e as ilhas do Pinto e de Massarabi e se depara com as mesmas histórias fantásticas que um dia assombraram os primeiros expedicionários. Preservados também estão os povos desta região amazônica. São os heróis da resistência, que mantêm suas terras e costumes, como se vencessem o tempo e o progresso.



Soluções para um mundo pequeno

1913



Rogério Reis

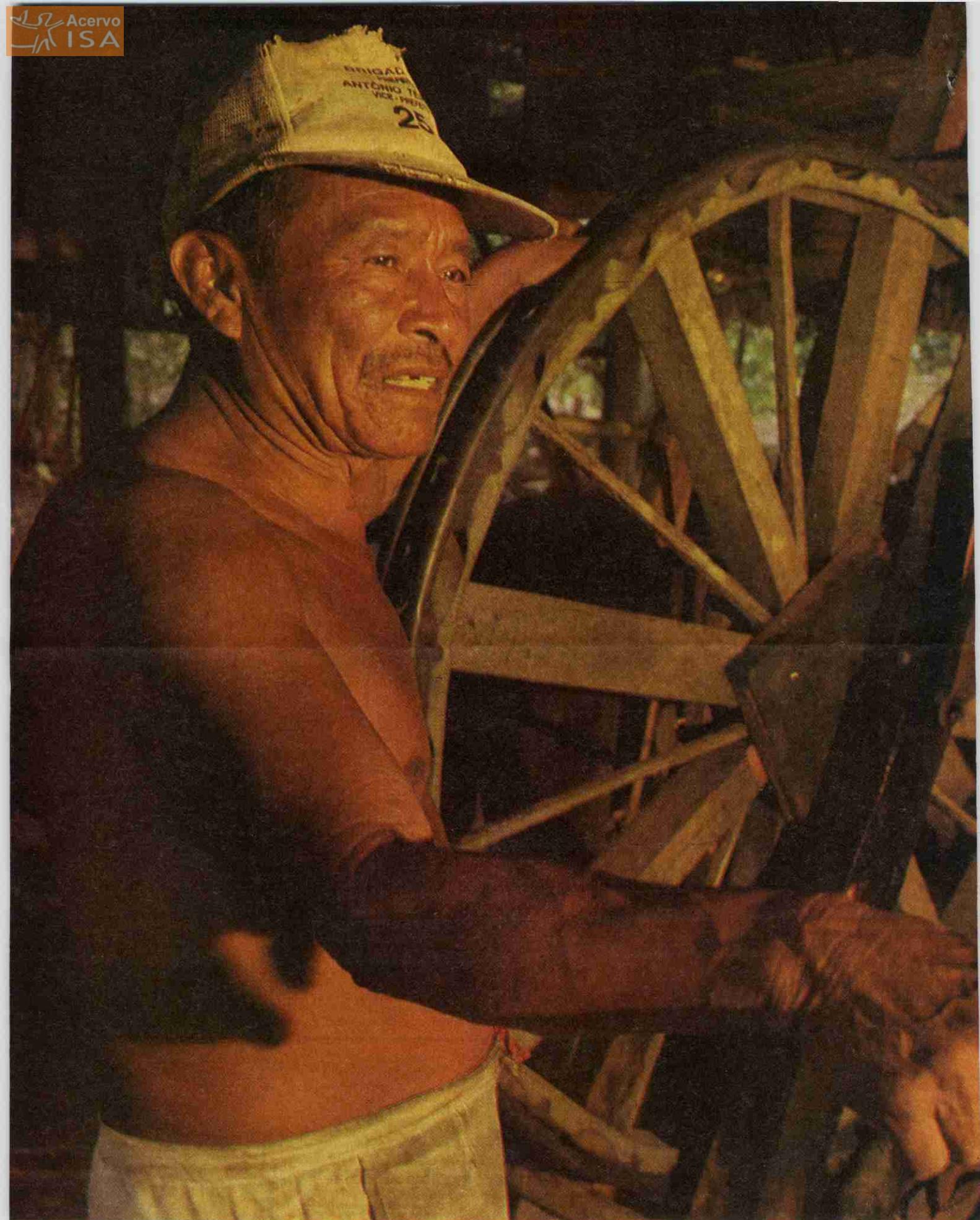
1995



Na ilha de Massarabi, os pesquisadores encontraram descendentes dos índios barés (acima). Eles ainda contam as mesmas lendas amazônicas que os seus antepassados (no alto) relataram a Carlos Chagas na expedição científica de 1913

■ A expedição científica *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade* reuniu pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, Universidade do Amazonas, Instituto de Medicina Tropical de Manaus, Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia entre os dias 31 de julho e 9 de setembro de 1995. O **JORNAL DO BRASIL** acompanhou com exclusividade a expedição.





**Laurentino, índio da etnia werikena e único morador da Ilha do Pinto, tem fama de bruxo na região. 'Eu acho graça, pela ignorância do povo', diz**

ALEXANDRE MEDEIROS, de Massarabi (AM)  
Fotos de Rogério Reis

Se for verdade tudo o que contam sobre Laurentino de Moura Bruno, a aprazível Ilha do Pinto é um pedaço do inferno. Ele é



o único morador da ilha, além de sua mulher e de três filhos, e reza a lenda que se trata de um bruxo. "O povo diz que enxerga uma luz que anda em cima d'água e come capim. Eu nunca vi. Não entendo de espírito bom nem de espírito ruim, não sei se eles habitam a ilha. Muita gente foi embora, mas eu continuo aqui, onde nasci. Eu resisto", garante Laurentino, índio da etnia werikena, 63 anos, neto de venezuelanos e que, segundo todos ao seu redor, veio à Terra para fazer o mal.

O bruxo da Ilha do Pinto faz parte de uma raça em extinção. Uma espécie de brigada de resistência, formada por aqueles que permanecem em seu pedaço de terra na imensidão da Amazônia, isolados de tudo, sujeitos aos revezes da natureza. Sobre cada um deles bem se pode aplicar, com toda a justiça, a primeira frase do livro I de a *Odisséia*, de Homero: "Eis a história de um homem que jamais se deixou vencer."

Alguns, como Laurentino, resistem até como lenda. "Dizem por aí que o feiticeiro sou eu, que sou bruxo. Falam que eu pego roupa dos outros e enterro no cemitério para a pessoa vomitar sangue. Nunca pisei em cemitério. Às vezes eu acho graça dessa fama, pela ignorância do povo. Mas fico mesmo é triste. Até em São Gabriel sou famoso. Eu me conformo. Melhor é Deus", diz ele.

Se alguém quiser saber as histórias de Laurentino, basta procurar o casal Ramiro e Maria de Nazaré Lopes, moradores da localidade de São José, também eles heróis dessa resistência. Os dois vivem com os dez filhos numa velha casa que já foi escola e não podem ouvir falar no bruxo. "Ele trabalha com o diabo, manda doença pelo ar. Faz feitiço. Fez aparecer cobra viva nas barrigas dos peixes", conta Maria de Nazaré, enquanto faz repetidas vezes o sinal da cruz e cochicha baixinho um "Deus me livre e guarde".



“...no vale do Amazonas a maior fatalidade é esse desprezo pela vida humana da parte dos poderes públicos e dos possuidores de seringas?”

Carlos Chagas (1913)

O rio e a terra são as armas de Ramiro e Maria de Nazaré para resistir. Ele e o filho mais velho vendem peixes em São Gabriel da Cachoeira — piau, pescada, piraiá, surubim, piranha, tambaqui, tucunaré — a R\$ 1,50 o quilo. Ficam três dias no rio Murié até encherem de peixe quatro *freezers* — 1.000 quilos, cada — e depois partem para São Gabriel numa *voadeira* com motor de 11 HP. “Tenho minha roça de milho e crio animais, mas o que me sustenta é o peixe”, diz Ramiro, de 53 anos, que tem 23 índios da etnia baniwa trabalhando para ele.

Maria de Nazaré usa as plantas da mata para curar doenças. De acordo com o antropólogo Antonio Maria Santos, do Museu Paraense Emílio Goeldi, o conhecimento de plantas medicinais de Maria é “impressionante”. A índia tucana, de 52 anos, resume com simplicidade o que aprendeu com a floresta: “Criei meus dez filhos sem médico, só com remédios do mato. Estão todos vivos.” São muitos se-

gredos, de simples receitas. “Para hemorragia forte, a gente pega casca de ovo, torra ela, soca bem e faz um chá. Sempre melhora”, ensina. Para verminose, é tiro e queda: “Soca dente de alho com tabaco e faz fricção na barriga.” Como o hospital mais próximo fica em São Gabriel, a um dia de *voadeira* de São José, Maria é procurada por gente de outras ilhas do Rio Negro para socorrer crianças, homens e mulheres doentes. “As doenças de nossa infância são as mesmas de agora, como a malária, que quase me matou duas vezes. A gente ajuda como pode. Mas quando a coisa é brava, o jeito é chamar um rezador”, explica ela.

Maria de Nazaré não quer nem ouvir falar, mas sabe que Laurentino, o bruxo da Ilha do Pinto, também tem fama de rezador. “Eu me preocupo com as crianças que têm febre e dor de estômago. A gente tem que fazer um chá, pegar erva no mato. Se complicar, é a reza, a oração”, diz ele, que teve um derrame



## GLOSSÁRIO

■ **Batelão** — Tipo de barco movido a remo ou rebocado por outro barco a motor e usado no comércio do regatão e no transporte de gado e outros animais pela Amazônia.

■ **Quebranto** — Doença

para a qual não se tem explicação. Moleza no corpo, febre. Mau-olhado.

■ **Tapiri** — Espécie de cabana. As casas que os seringueiros montam no mato no período da extração da borracha.

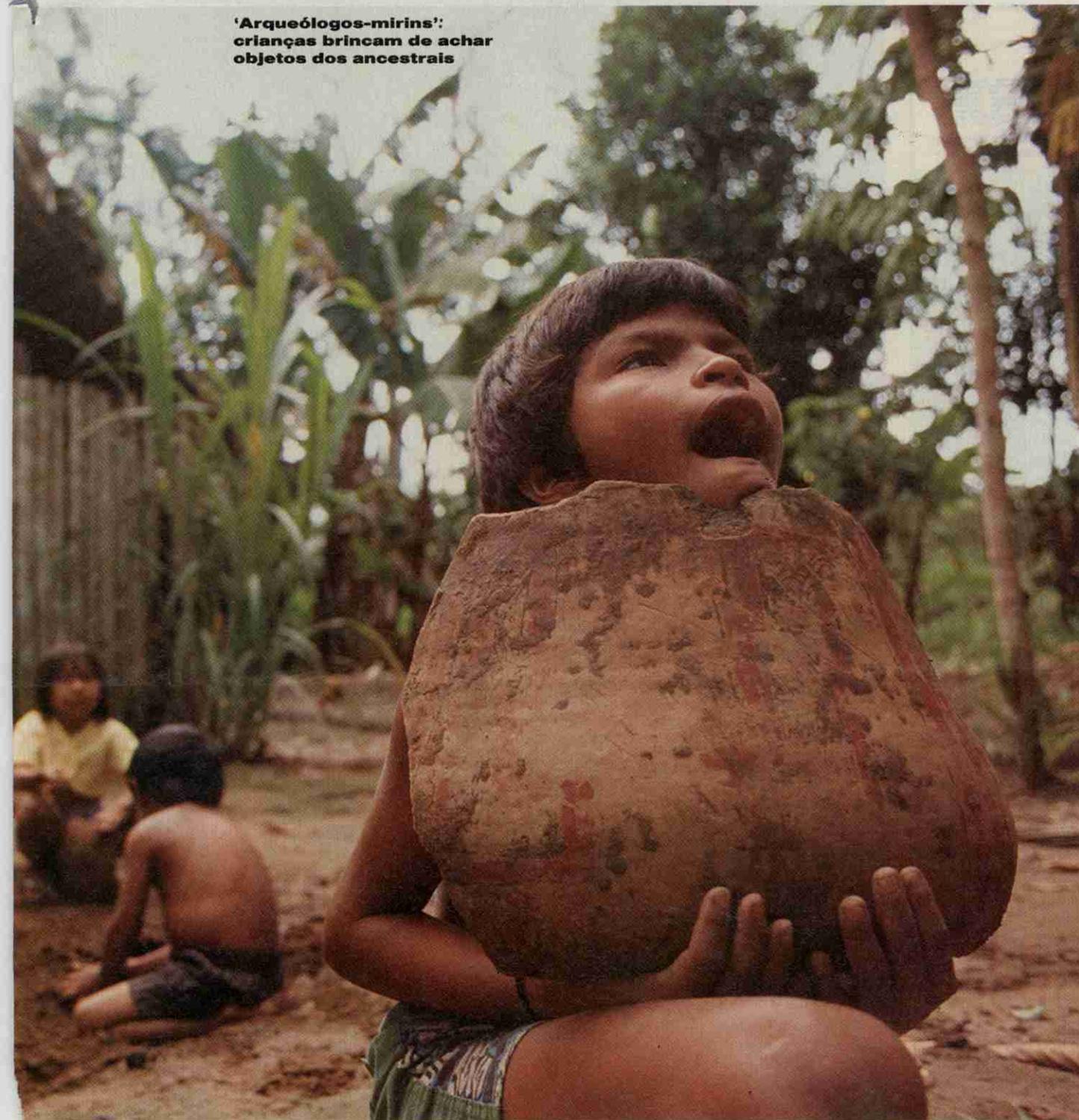
■ **Remanso** — Lugar onde

a correnteza do rio não é forte, pela ação de uma contracorrente causada por bancos de areia e pontas de praia. Enseada de rio que se abre depois de um trecho encachoeirado.

■ **Boto** — Mamífero adaptado à vida aquática que

mede de 2 a 3 metros e que habita os rios amazônicos. Sobre ele repousam algumas lendas. A mais famosa é a de que ele atrai mulheres para o fundo das águas. Uma história que já chegou às telas do cinema no filme *Ele, o boto*.

'Arqueólogos-mirins':  
crianças brincam de achar  
objetos dos ancestrais



Soluções para um mundo pequeno

IBM

IBM

Soluções para um  
mundo pequeno

## DIÁRIO DE BORDO

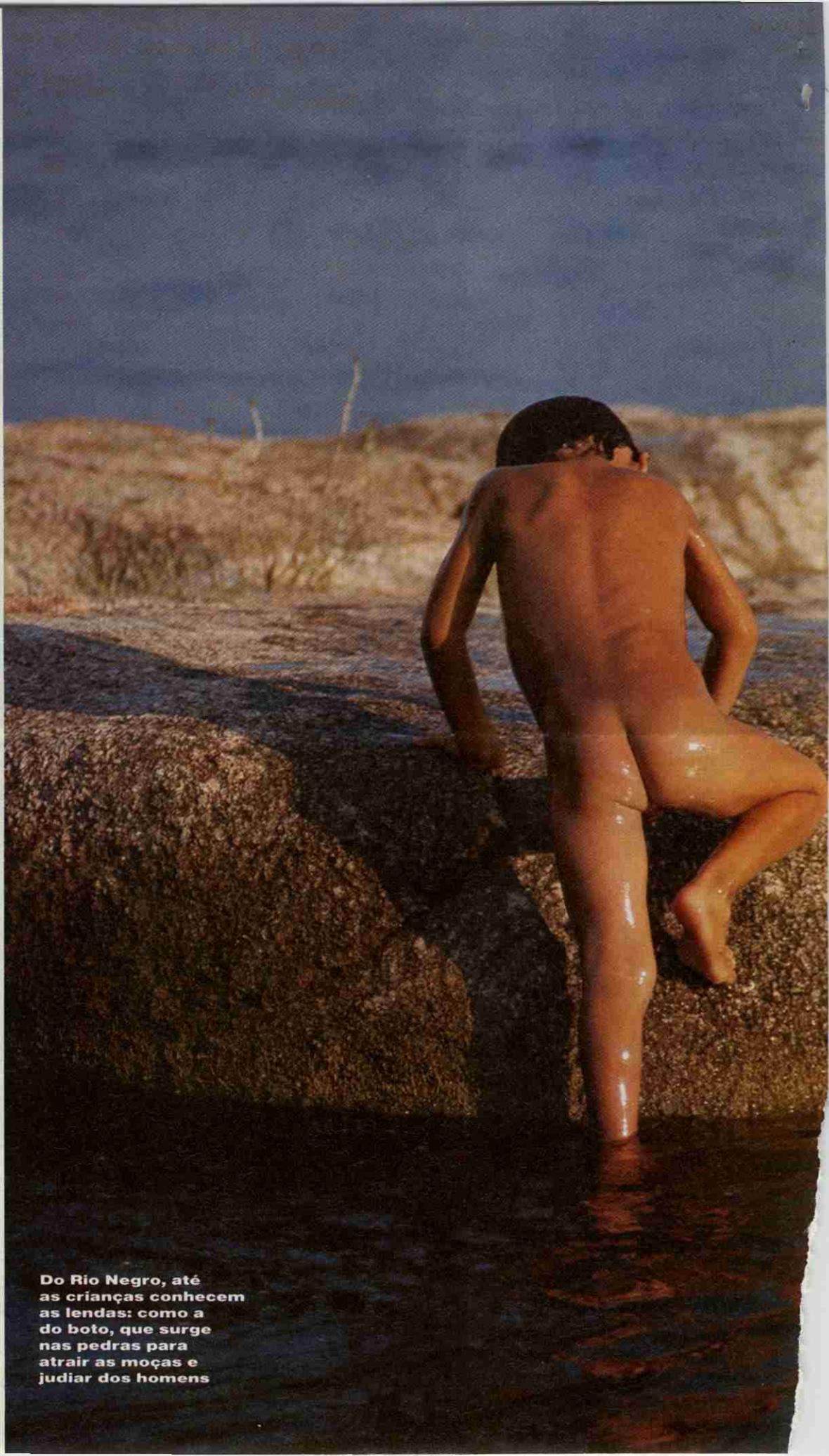
■ Durante a permanência dos barés em Maturacá, Massarabi foi habitada por uma tribo indígena chamada manawe. Foram esses índios que primeiro chegaram em Manaus e batizaram a cidade.

■ Os integrantes da expedição acordavam por volta das 5h30, já estavam trabalhando às 6h e iam dormir lá pelas 22h. Com lanternas amarradas nos beliches, muitos ainda estudavam ou liam antes de pegar no sono.

■ Rádios sintonizam emissoras como as colombianas Caracol, Antena 2 e RCN, rádios evangélicas peruanas e transmissões entrecortadas — que alguns militares garantem ser emissões clandestinas de grupos guerrilheiros colombianos. Pelo noticiário da Caracol da noite de 17 de agosto, ficamos sabendo que guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) tentaram invadir três povoados, mas foram rechaçados pelo Exército colombiano.

■ Massarabi quer dizer duas vezes massa-ra, nome da pedra que fica diante da ilha, no Rio Negro. Os barés acham que a pedra é encantada e protege a comunidade de todo o mal.

■ Para estancar o sangue de um corte profundo, o bruxo Laurentino apela para um recurso nada natural: usa óleo diesel.



**Do Rio Negro, até as crianças conhecem as lendas: como a do boto, que surge nas pedras para atrair as moças e judiar dos homens**

## RECEITAS MÁGICAS

**O** bruxo Laurentino e a índia tucana Maria de Nazaré estão a quilômetros de distância de um médico, mas apenas a alguns passos de plantas de uso medicinal que a floresta oferece de graça. Com elas, os dois preparam chás, tinturas, emplastos e soluções que ajudam a cuidar da saúde de muita gente. Algumas receitas da dupla:

— Para disenteria: Cozinhar cocos verdes pequenos com grelo de Araçá e dar como chá. (Maria de Nazaré)

— Para asma: Cozinhar folhas e gravetos de pirarucucaá, pingar um pouco de copaiba e deixar a solução no sereno antes de tomar. (Maria de Nazaré)

— Para dor de ouvido: Assar no fogo frutas de algodão verde, deixar esfriar e espremer a água que sai da fruta no ouvido. (Maria de Nazaré)

— Para evitar gravidez: Raspar a casca de vichirana, um pau do mato, e beber com água no primeiro dia da menstruação. (Laurentino)

— Para incentivar gravidez: Ralar uma planta chamada tajá e deixar de repouso na água morna antes de beber. Limpa o efeito da vichirana e a mulher pode voltar a engravidar. (Laurentino)

— Para cicatrização de feridas: Lavar com leite de banana prata. (Laurentino)

— Para picada de cobra: Raspar a casca de piripiriaca e ralar na água. Para beber e passar no local picado. (Maria de Nazaré) (A.M.)

há cinco anos e ainda sente dores. Para hemorragia, dá uma receita diferente: “Tem que pegar o umbigo da castanha, esmigalhar e beber.” Se o bruxo da Ilha do Pinto e o casal de São José resistem sozinhos, os índios barés de Massarabi são o mais belo exemplo de resistência coletiva que a expedição encontrou no beiradão do Rio Negro. Nilson Nogueira da Cruz, 65 anos, administrador da comunidade e agente de saúde local, é o líder de uma gente feliz: “Já perdemos muito de nossa língua, mas conseguimos manter algumas tradições de nossos avós e bisavós.”

Tradições que, literalmente, brotam da terra. As crianças de Massarabi brincam de remexer o chão onde pisam para encontrar pedaços de sua própria história: são vasos, fornos, panelas, peças de cerâmica, machados de pedra. “É um sítio arqueológico a céu

aberto”. impressionou-se o antropólogo Sérgio Gil, da Universidade do Amazonas. Em cada uma das casas de Massarabi há um pequeno museu de peças encontradas na ilha, um acervo que recebe novas contribuições a cada dia, de acordo com o trabalho dos arqueólogos mirins do lugar.

Os ancestrais do povo de Massarabi chegaram a habitar Maturacá, na fronteira com a Venezuela, até serem expulsos de lá pelos ianomami em 1927. Dispersos, se espalharam por várias ilhotas do Rio Negro, até se reencontrarem em Massarabi. São 62 pessoas que lutam pela demarcação da ilha. “Na verdade, Massarabi é o berço dos barés. Antes de partirem para Maturacá para tentar outra vida, nossos ancestrais viviam aqui. Por isso achamos na terra tantas peças antigas. É nossa história”, conta Nilson.

## A devoção ribeirinha

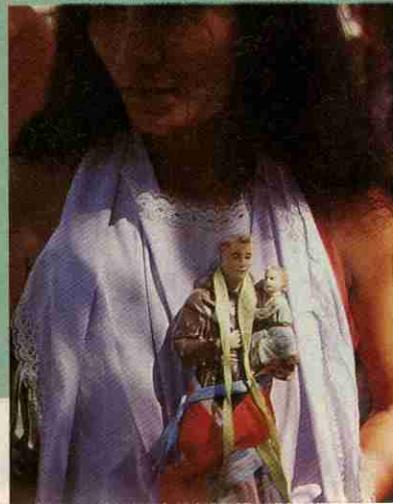
**U**m homem bate sem parar um tambor, precedido por crianças com estandartes feitos de papel crepón e flores naturais. Logo atrás, as mulheres se protegem do sol com sombrinhas coloridas e levam nas mãos os terços. De casa em casa, lentamente, a procissão de Santo Alberto percorre as ruas de São Gabriel, recolhendo donativos para a festa do mês de agosto. Tradição religiosa introduzida na região do Rio Negro pelos católicos portugueses durante a catequese — franciscanos, salesianos e carmelitas —, o culto a Santo Alberto é hoje mantido pelos indígenas, sobretudo os barés e os baniwas.

Ao lado de Santo Antonio, Santo Alberto é o que reúne mais fiéis ao longo do Rio Negro. O santuário fica em Carvoeiro, mas as procissões e festas se espalham por várias

comunidades ribeirinhas. Com pequenas imagens e bandeiras brancas e vermelhas, os fiéis entram nas casas e montam um pequeno altar, iluminado por velas. Fazem orações e enquanto isso recolhem contribuições. As promesseiras — pessoas que pediram alguma graça ao santo — têm o hábito de dar comida aos fiéis.

Os pescadores e caçadores do Rio Negro costumam visitar periodicamente a matriz do santo, em Carvoeiro, para renovar promessas de fartura na caça e na pesca. Os mais devotos dizem que se a promessa não foi cumprida, o santo reserva um período de vacas magras para os caloteiros. Famoso por seus milagres, padre e confessor da Ordem dos Carmelitas, Santo Alberto nasceu em Messina, na Sicília (Itália) e foi canonizado pelo Papa Sixto IV em 1476. (A.M., de São Gabriel da Cachoeira)

Santo Alberto: fiéis no Rio Negro





Em São José, Ramiro e Maria criam seus 10 filhos: medo do bruxo

## Quem fala a língua geral?

**I**ris Celina Siqueira Gonçalves, índia da etnia baré, 66, poderia ser uma espécie de promotor da cidade. Além de proprietária do restaurante Íris — o mais famoso de São Gabriel da Cachoeira —, ela é uma das últimas moradoras a dominar a chamada língua geral. “Paraná ipauçawa apé”, exemplifica Íris, apontando as corredeiras diante do restaurante. Tradução: “O rio acaba aqui.” De acordo com o historiador Auxiliomar Ugarte, da Universidade do Amazonas, a língua geral tem base no tupi e se tornou o idioma franco na Amazônia no século 17. “Quem a sistematizou gramaticalmente foram os jesuítas. Chegou a ser a língua de uso diário no país, já que o português era restrito a documentos”, explica Ugarte. Manaus falou a língua geral até 1870.

As etnias indígenas do Alto Rio Negro usam a língua geral como segunda opção de comunicação, depois do dialeto de cada comunidade. Pessoas como a dona Íris cuidam de ensiná-la aos mais jovens, geralmente através de lendas indígenas, como uma que se chama A menina e a cobra. “É a história de uma menina que achou uma cobra na beira do rio e a levou para casa. Ela foi criando a cobra num vaso de barro. Quando a

cobra estava grande, a avó mandou que a menina se livrasse dela. Em agradecimento, a cobra presenteou a menina com um pente mágico. Sempre que ela penteava os cabelos, caíam moedas de ouro. A menina comprava comida e roupas para ela e a avó, despertando cobiça. Os guardas a prenderam para que ela contasse onde conseguia as moedas. A menina mostrou o pente mas ele não funcionava para ninguém. Os guardas a soltaram, porque sorte é para quem Deus dá, não para quem quer.”

Dona Íris conta essas lendas para as crianças seguindo a tradição de ensino oral que seus pais e avós lhe passaram. “Vou lembrando das tradições dos barés, como o hábito de usar o barro para fazer as panelas”, diz ela, que além da língua geral fala o português, o dialeto dos barés e o espanhol, herança dos avós venezuelanos. Íris Emanuelle, 3 anos, neta de dona Íris, já dá os primeiros passos na língua geral. Para isso, conta com a semelhança sonora de palavras que também usa em português, como kaxiwera (cachoeira) e paya (pai). Aos poucos aprende que nem sempre a tradução entre as duas línguas é literal. Por exemplo: se fosse ela traduzir para o português ao pé da letra a expressão ipiá uiku ipu pé, teria exatamente a frase “seu coração está na sua mão”. Carregada de simbolismo, a frase é um sinal de alerta dos índios e quer dizer, na verdade, “sua vida está em perigo”. (A.M.)

Durante as sete horas de permanência na ilha, os integrantes da expedição puderam recolher farto material



para pesquisa. O historiador Auxiliomar Ugarte, da Universidade do Amazonas, com a ajuda de algumas crianças, desenterrou pedaços de uma urna funerária em ótimo estado de conservação, com a pintura original ainda bem visível. Todo o material foi recolhido ao Museu Amazônico. Uma outra urna, esta praticamente intacta, com a ossada em seu interior, foi localizada e teve seu lugar marcado com pedras para estudo posterior.

Situada num remanso do Rio Negro, com praias de areia clara, Massarabi é também um paraíso ecológico e abriga algumas lendas amazônicas. Francisco Soriano da Cruz, 37 anos, um dos sobrinhos de Nilson, é um contador dessas histórias fantásticas, que falam de vasos com moedas de ouro, monstros que puxam os canoeiros para o fundo do rio, estranhos seres que sobrevivem na imaginação dos que ficaram. Histórias como a do boto que arrasta as mulheres para nunca mais. “Minha avó, de 82 anos, me contou que as meninas formadas em primeira regra são atraídas para o rio, vão para lá sozinhas na canoa e desaparecem. São os botos, em forma de soldados, de gente que conversa e fuma. Eu mesmo conheci uma moça, a Otilia, que foi e não voltou”, narra Francisco.

Sentado na Pedra do Cavalo, o contador vai em frente. “Com os homens, o boto é ruim. Atrai e judia deles. É uma cobra que ataca as canoas, um vulto que bóia nas águas e apita”, diz ele. E viaja na sua história. “Essa pedra em que nós estamos é encantada. Na boca da noite, a gente ouve um mugido forte, de bicho. É o cavalo que vem se banhar. Ele repousa aqui desde o princípio de tudo, quando as pedras racharam, a água cobriu a terra e os bichos deitaram para descansar”, resiste Francisco, rodeado de meninos com olhos arregalados, gente que vai cuidar de passar a história adiante, para outras gerações de barés espalhados pelo imaginário coletivo da Amazônia.

■ No próximo domingo: a Amazônia também tem suas turmas de rua.